

Arte-educação: estética, reflexões e diálogos

JAIME SANTANA SODRÉ PEREIRA

Entrevista concedida a Célia Conceição Sacramento Gomes

Jaime Santana Sodré Pereira é professor do Centro Federal de Educação Tecnológica e da Universidade do Estado da Bahia.

Célia Conceição Sacramento Gomes é graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora Colaboradora do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade GIPE-CIT do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas – Universidade Federal da Bahia. Membro do Conselho Consultivo da Sociedade Amigos da Cultura Afro-Brasileira – AMAFRO. Autora do livro *Teatralidade e Performance ritual dos folguedos da Ilha de Itaparica*. Atua principalmente nos seguintes temas: manifestações culturais, educação, antropologia das populações afro-brasileiras, etnocologia.

1. Por que ser um arte-educador?

Educação é um processo de transmissão de conhecimentos. Parece que tem alguém que sabe tudo e passa para o outro, não é assim? O outro também produz conhecimento.

Então, o que é, para mim, educação? É um diálogo entre dois indivíduos, não importa que um seja o educador e o outro o educando. Qualquer indivíduo dialoga com alguma coisa e nesse diálogo nasce exatamente o conhecimento.

Por que arte?

Porque arte é uma forma de linguagem e de diálogo que se diferencia. Porque ao invés de você atuar exclusivamente no cognitivo, no elemento do pensar e da memória, se atua de maneira mais profunda, no campo da estética. Você penetra em sensibilidades que, às vezes, o racional não alcança; se afeta a sensibilidade eu acho que você tem uma garantia maior de transformar o indivíduo. E é justamente isso que a educação muitas vezes não faz: ela enche o indivíduo de informação, mas não enche o indivíduo de sensibilidade.

E onde você vai buscar a sensibilidade? Nas manifestações artísticas. Nessas manifestações não há necessidade de se ter nível superior: todo mundo faz arte e todo mundo tem a capacidade de enxergar na arte alguma coisa.

181 ■

2. Em que contextos você desenvolve seu trabalho em Arte-Educação e quais as linguagens que mais utiliza?

No meu caso, como eu trabalho com arte africana, arte afro-brasileira, que é uma arte, em nível do cotidiano, discriminada, colocada de lado. O meu papel é informar, através dessa arte, a história de determinados povos.

Eu pego a arte africana como leitura de cultura estética, mas de conhecimento. Esse é o papel do arte-educador: através das manifestações artísticas, tentar fazer dessas manifestações algo que possa fornecer uma informação diferenciada, porque trabalha-se com a sensibilidade.

Isso significa que é trabalhar com a eliminação de preconceitos. Se você tiver um potencial preconceituoso você não enxerga a arte. Será preciso se desfazer de uma série de pré-conceitos para, através da arte, enxergar o outro. Para mim, o arte-educador tem essa tarefa.

Existe um perigo do arte-educador, que é aquele que trabalha na tarefa do fazer, do produzir apenas e não no campo do refletir. Eu vou fazer a crítica: o arte-educador que manda o aluno fazer uma colagem. Para que? Sobre o que? Por quê? A colagem em si é apenas uma técnica, mas a colagem com a temática, a reflexão, com um objetivo, é outra coisa.

Então o arte-educador deve deixar para o outro com quem está dialogando a possibilidade de manifestação, não impondo a ele determinadas normas. Você pode orientá-lo no sentido de como obter um resultado mais apurado ou qualificado, mas não interferir no que ele está fazendo. Para mim, é fundamental, porque não tem essa questão de estágio, até o fim da vida a pessoa pode estar se educando pela arte.

Por que arte africana? Você pega um livro de arte e a arte africana não aparece. Então, o primeiro preconceito é que esse povo não tem arte, porque esse povo é negro, é ignorante.

O arte-educador pode colocar isso em questão. A história pode colocar em questão, mas não tem a capacidade de trabalhar com a arte para mostrar que eles fazem arte. Cada situação, em termos de cultura, tem a sua marca. Nós devemos estar aparelhados, do ponto de vista positivo, para enxergar essas marcas e não julgar; é necessário sentir, sensibilizando-se com aquilo que o outro faz.

Qual é a função do arte-educador? É transformar o novo cidadão: o homem que sente, entende e contextualiza. Por que o indivíduo faz essa arte? Essa arte é feita mediante um repertório cultural e não interessa classificá-la como boa ou ruim, primitiva ou avançada, coisas que a gente convive hoje: música erudita e música popular! Não existe popular nem erudito, existe a idéia que os homens têm que uma é superior à outra.

Eu sempre trabalhei com arte-educação. Quando eu faço as minhas palestras, trabalho com uma técnica chamada *educação para o olhar*. Quando eu apresento, por exemplo, um álbum cheio de búzios, os alunos dizem: “puxa, professor, como eles fazem isso, né? que capacidade!”. Eu digo: “já julgou”. Se espante e diga: “como o ser humano pode fazer coisas tão maravilhosas!”.

Eu entrei nessa onda, porque isso pode ser um grande instrumento de combater preconceito.

O meu trabalho como profissional sempre tem o viés da arte. É preciso chamar a atenção do seguinte: a depender das circunstâncias, eu vou usar os instrumentos de arte; não estou chamando de artes plásticas, estou chamando de arte.

Nós fizemos um evento com o professor Carlos Alberto F. Santos no Terreiro *Tanurin Junçara*, que foi o I ETOC – Encontro dos Tocadores Mirins do Candomblé; a arte que foi explorada ali foi a música dos tambores e a música através da voz. É aí eu trabalho de acordo com a finalidade. O arte-educador trabalha com todas as manifestações de arte.

Escrevi uma peça que ganhou um prêmio da FUNARTE, que é uma obra sobre a Revolução Malê. Como o teatro não tem obrigação de fazer história, essa peça é mesclada com várias situações hilariantes e a história vai passando por aí.

Então, eu utilizo distintas linguagens: dança, teatro, cinema, música, artes visuais. O que vai amarrar essa linguagem é a finalidade, o público alvo.

Realizei um trabalho com o Ilê Aiyê, de arte-educação, fazendo um levantamento de todas as músicas, no processo histórico brasileiro, que tinham uma conotação racista. Mostrei a eles como esse discurso vai-se diluindo e surge outro discurso. Utilizei como temática a mulher negra, desde “Nega do cabelo duro, qual é o pente que te penteia”, até música de Roberto Carlos que elogia a mulher negra. Talvez seja a única música do repertório desse cantor que fala da mulher negra e é uma música lindíssima!

Sempre trabalho assim: a arte como suporte para se entender a humanidade.

Nesse repertório todo, isso tem muito a ver com a minha capacidade pessoal: sou músico, artista plástico, recentemente comecei a fazer texto para o teatro. Uso a literatura, a exemplo de LOKOIROKOTEMPO. Não sou fotógrafo, mas emprego a linguagem fotográfica; não tenho uma definição, tenho uma potencialidade. Se aquele assunto requer uma determinada manifestação, vou buscar aquela arte para expor; se requer outra, vou buscar outra.

3. Os currículos escolares tendem a privilegiar mais o aspecto cognitivo do processo de ensino-aprendizagem, em detrimento da sensibilidade, da criatividade, da intuição. Na sua concepção, que significado tem a Arte-Educação no desenvolvimento de pessoas no mundo atual?

A dicotomia entre uma educação extremamente cognitiva e a outra que envolve a sensibilidade. Significa dizer que até na matemática você pode desenvolver sensibilidades; o número também é arte. Isso vai muito de como o professor vai trabalhar esse dinamismo.

O que acontece com os currículos é que eles são feitos para serem mensurados com notas. Quando se aplica no conhecimento da arte, a nota não pode traduzir sensibilidade. Aí é que está o problema: a escola quer resultados em termos de notas, mas você não pode dar nota na arte, pode apenas sentir. Com a nota, a escola fica muito positivista. Você pode avaliar se ele comunicou a idéia, se as pessoas entenderam ou não, pouco importa. O que vale é o empenho que ele teve de produzir através da arte um discurso; e não fazer com que ele produza o discurso para ter nota.

O conflito da arte-educação na escola acontece porque o professor de arte-educação não é para dar nota, nem ser o estimulador de festinhas. Ele é um elemento que possibilita ao aluno exercer sua criatividade. Então ele não pode chegar à sala e dizer: “todo mundo vai ter que fazer o que eu vou passar aqui com a linguagem de artes plásticas”. Não. “Qual é seu potencial?” O aluno responde: “Este”. “Quer experimentar um diferente?” “Então faça esse aqui”. Assim, um pode fazer um rap, o outro pode pintar.

É essa flexibilidade que a escola não tem. Daí o arte-educador ficar fazendo um papel secundário na escola. E os demais professores não entendem a posição do arte-educador e acham que aquilo é hora do recreio. Aqui é para aprender, é coisa séria, e lá vocês vão se divertir. E não sabem que por essa vertente do lúdico o aluno aprende mais do que pelo cognitivo.

Eu fiz um trabalho com os meninos que tocam tambores no Ilê Aiyê e foi com esse lado lúdico que foi explicada a história dos tambores. O tambor de légua, por exemplo, era o tambor que o índio marcava a distância de seu território. São coisas fantásticas que você não vai encontrar para dar nota. Aí eu passo para ele pesquisar o potencial do tambor etc.

O grande conflito é que, na escola que a gente tem hoje, a arte-educação é vista como algo suplementar, tomara que não caia em optativa.

Penso que é o contrário: o aluno deve ser estimulado com toda sua sensibilidade na arte-educação, para que ele tenha bons resultados nas outras disciplinas. Vou dar um exemplo: se você estudar em história a Guerra do Paraguai, eu pergunto: como era a música nessa guerra? Que função teria a música? Que função a arte teve na Guerra do Paraguai?

Teve sim, porque é o único registro imaginável que o artista faz de uma guerra que ele não participou. Então aqui ele não serve como documento histórico, mas serve como a visão do artista em relação à guerra. Como foi essa visão? dramática? luxuosa? sofrida?

Isso pode traduzir o comportamento das pessoas daquela época. O artista pode ser o porta-voz disso. Então esse é o suporte para ensinar história. O aluno pode imaginar como se dá a circunstância daquele momento histórico.

Eu vivo minha vida assim, olhando os aspectos que não estão muito registrados, olhando as entrelinhas e estas, geralmente, aparecem com uma música que se cantou na época...

Outro dia, alguém estava me dizendo que na antiga Rússia era proibido assoviar. Quando eu morava no Barbalho, eu via as pessoas vindo para casa assoviando as músicas. É uma manifestação que deixou de existir na Bahia, pois os tempos mudam. O assovio que é uma coisa romântica pra mim, para eles era proibido, porque quando o exército alemão foi exterminar o povo russo entrou assoviando. Isso ficou na memória das pessoas e perdeu o elemento lúdico, melodioso, que é assoviar.

Meu pai, quando chegava à esquina da rua, para avisar que estava chegando, vinha assoviando. “Olhe, lá vem meu pai aí”. Entendeu os códigos?

No canavial, em Santo Amaro, todo mundo assoviava. O senhor de engenho queria que todo mundo assoviasse. Quero ver você assoviando e chupar cana, então, virou ditado, ou seja, burlar o senhor e se alimentar. Isso é arte! A arte do assovio contextualizada com o processo histórico.

Você pega um fato cultural, artístico e explora. Já viu como fica animada a aula? Porque não envolve a obrigação de refletir e memorizar.

No final da aula você propõe: “vamos fazer um trabalho com o assovio. Eu quero ver você se comunicar com alguém assoviando”.

Eu estou falando para você um fato lúdico, um fato artístico, que é assoviando e como isso conta a história de uma situação. Isso é história que hoje chamam “história da vida privada, história desde baixo”. Essa é a idéia: você pegar um fato e poder contar a história de uma época.

4. Que critérios você adota na escolha dos temas que serão tratados nas suas atividades de Arte-Educação?

A temática a ser trabalhada não é escolhida por mim. O tema pode ser individualizado; o aluno escolhe o que quer fazer. Daí o arte-educador não ser especialista em uma única linguagem. Se o coletivo decidir que é um tema único que todos vão trabalhar, mesmo assim vai ser dentro de sua possibilidade. Gosto de estimular nos alunos o desafio de descobrir o novo.

Uma outra coisa que considero importante é o trabalho em equipe: as pessoas se relacionam com as outras, tem a discussão, a apresentação e a avaliação.

Vale ressaltar que o aluno que está “aprendendo” arte-educação não está se transformando num artista. Ele está experimentando linguagens para, no mínimo, ele ser um bom observador, uma pessoa que vai usufruir da arte. A tarefa é testar sensibilidade e se abrir para a arte.

A segunda grande tarefa que eu gosto muito é a cidadania: você respeita a obra do outro, não importa o que ele faça; por ele fazer você já deve respeitar. Gostar ou não gostar é sua opinião, mas isso não pode influenciar na opinião do outro. Não pode inibir, bloquear, censurar. O que você deve fazer é descobrir porque não gostou; talvez a ignorância esteja do lado de cá. E aí o sujeito se amplia como cidadão, que é respeitar as opiniões e o direito que as pessoas têm de se expressar.

É muito comum o pessoal dizer: “nesse samba de hoje só se rebola a bundinha”. Só rebola porque sempre foi assim; o samba era isso mesmo, uma coisa erótica. Então, não se pode proibir o cara de fazer. Você pode entender porque ele faz,

porque você não gosta e como você gosta. Torna-se um cidadão solidário e não um cidadão impositivo. Isso é muito arriscado. Eu tenho muito cuidado quando estou trabalhando como arte-educador para não formar tiranos.

Quando eu vou montar um curso eu começo do “para que” e “por que”. Começo dos objetivos: que objetivos eu quero alcançar mediante aquela técnica, aquela metodologia?

Vou dar um exemplo muito razoável: eu quero explorar a sensibilidade auditiva dos alunos: conhecer o som, elementos sonoros, a parte mecânica do ouvir. Peço para eles identificarem diversos tipos de música, fazer uma seleção. Mais tarde eles podem optar em construir alguma coisa musicalmente, baseada no som e não no instrumento.

Primeiro eu trabalho com objetivo, depois com material disponível; é preciso verificar o material que o aluno tenha acessibilidade.

Terceiro elemento, que é a proposta fundamental — critérios de temática: coletiva, individualizada, ou eu vou provocar uma temática. Se eu provooco é porque quero mensurar como eles reagem em determinada situação.

Minhas temáticas têm três características: baixa, média e alta complexidade. Não significa dizer que eu passe uma tarefa de baixa complexidade e o aluno me retorne com uma tarefa de alta complexidade. Significa que aqui são critérios não seletivos, mas de organização. Eu posso pensar que estou dando uma coisa simples e o aluno faz uma coisa fantástica na complexidade.

E, finalmente, eu não dou nota; é só o expor, o mostrar, o outro apreciar, fazer uma crítica ou uma avaliação. Eu faço isso no meu curso na UNEB (Universidade do Estado da Bahia). Para mim, as obras não estão ainda acabadas, elas estão numa continuidade. Então, ouvir o outro é muito importante. No final, o aluno pode dar qualquer nota; não pergunto nem qual é o critério da nota. E o que tem me surpreendido é que as pessoas começam a dar nota com coerência.

Meu último item é a avaliação e eu discuto com a moçada. Se a avaliação não for da nota, ela vai ser de conceito.

Meu conceito não começa de ruim, médio, bom. Como é que eu trabalho conceito?

1. satisfação pessoal;
2. comunicação — o outro entendeu o que você estava dizendo? Se não entendeu, também faz parte da arte, que deve provocar sensibilidade;
3. o que acrescentou na sua vida fazer aquele trabalho?

Meu critério é de enriquecimento. Eu trabalho para alterar a vida.

Eu defendo muito o projeto individual porque o cara quer resolver um conflito por via da arte; aí vai levar ele a pesquisar, a aprofundar determinadas circunstâncias.

Vou dar um exemplo: alguém quer entender o processo de nascimento. Existe o processo biológico e ele quer fazer disso uma obra de arte. Então ele pode usar os dados biológicos, mas pode utilizar os dados da fantasia, os mitos do nascimento. Você vai orientando ele; os dados biológicos são concretos e, a partir daí, ele vai trabalhar com os mitos. “Veja qual é o mito do nascimento da população indígena, da população africana, da portuguesa, da nossa formação”.

Ele começa a ver o lado mitológico; não interessa ele fazer uma descrição biológica, interessa ele perceber como ele interpreta o ato de nascer, ou como determinada etnia interpreta isso. Então, eu trabalho muito com esses elementos no sentido de

“forçar” a pessoa a buscar significados. Penso que o arte-educador é um libertador, deixa a pessoa expandir suas necessidades.

5. A educação pela estética pode estimular, nas pessoas, a construção de outras formas de cidadania na sociedade brasileira?

O primeiro julgamento que se faz do outro é do ponto de vista estético. Os preconceitos são construídos através da via estética. Aí está o grande problema. Uma civilização toda, milenar, pode ser julgada pelo outro como inferior, porque ele não enxerga ali o belo¹. E o belo estético não é o belo que tem no olho dele, é o belo que o outro produz. A sensibilidade, a capacidade dele tem que estar aguçada para enxergar.

Senão ele vai achar que um objeto indígena é o que muita gente denomina de primitivo²!

Eu fui a um museu de São Paulo e observei os objetos indígenas: a plumagem, a técnica de fazer, uma complexidade. Você olha para aquilo ali e vai dizer que é primitivo? Ali é outra linguagem, com outra ciência, outra sensibilidade. Eles não matam o animal para fazer aquele trabalho; retiram as penas no período em que o animal está trocando, de muda. Eles não exterminam a natureza para fazer um objeto de arte.

É essa estética que devemos estar procurando. A estética é fundamental para resolvermos o problema do preconceito.

6. Qual sua percepção do corpo na Arte-Educação?

Todas as linguagens partem do corpo. Quando eu falo linguagem de corpo as pessoas associam muito ao movimento da dança. Toda produção de arte vem do corpo, da habilidade corporal, da habilidade de fazer.

Existe uma associação internacional de artistas que pintam com o pé, com a boca. Por não ter a possibilidade de pintar com os braços, a arte não está eliminada deles, está dentro deles. O corpo é que está à disposição para fazer arte e não a arte que vai incriminar o corpo.

Esse é o aspecto geral. Tem determinadas manifestações artísticas nas quais o corpo é a expressão; a dança, por exemplo. Dançar para mim é brincar com a gravidade, com movimentos, enfrentado a gravidade. A dança está moldada por determinadas culturas; cada cultura entende o corpo de maneira diferente.

Nenhum ser humano, em qualquer civilização, devolve seu corpo à terra sem uma alteração do ponto de vista estético: fura orelha, pinta o corpo, tem o procedimento de apertar e aí deforma... Então o corpo está sempre dialogando com seu proprietário e, se o proprietário quiser libertar o corpo, ele pode fazê-lo pela arte.

Libertar pela arte é a única maneira que você tem de fazer seu corpo arte, não é só como plataforma de arte, mas você potencializá-lo em relação à arte. E aí vem o teatro; o corpo é um elemento fantástico no teatro!

Quando eu comecei a escrever aquela peça de teatro, eu percebi o seguinte: o ator de teatro recebe um santo, não é ele, é um outro que se apropria do corpo dele

¹ Grifo da autora.

² Grifo da autora.

pra fazer o que ele não quer, que o outro (personagem) quer que ele faça. Se você examinar por esse aspecto, veja que coisa fantástica! Alguém se apodera do outro naquele momento do espetáculo, para fazer tudo que você, às vezes, no cotidiano não faz. O personagem domina o ator.

Às vezes, o ator termina o espetáculo, deixa de fazer o personagem e incorpora, no seu cotidiano, aquilo que foi do “outro” (personagem). Aí é que está a questão fantástica do teatro, você pode viver vidas. Assim, temos a prova que você pode fazer de sua vida várias vidas.

Então é como eu digo: viva carnavalescamente, deixe o mau-humor, porque o mau-humor não é um bom espetáculo.

E o que você faz com seu corpo? Uma série de maus tratos, do ponto de vista estético, do ponto de vista espiritual e do ponto de vista do conceito.

O corpo, em relação ao arte-educador, é uma coisa que tem que ser todo dia debatido e estudado, porque tudo decorre do corpo. O primeiro trabalho é considerar o corpo uma dádiva que você deve valorizar.

Quando você começa a entender o corpo, respeitá-lo e constrói isso em sua cabeça, você respeita o corpo do outro. Elaborando um respeito próprio, com certeza você respeita no outro, porque passa a ser sua linguagem normal, cotidiana. Agredir o corpo do outro não é dar um soco nele, é desvalorizar o outro no seu contexto étnico, social, cultural.

Eu assisti a um filme na sessão da tarde na televisão: o cara namora uma mulher gordinha, mas idealiza-a na condição de corpo ideal. Que educação tem nisso aí? Por que ela não pode ser gorda? Ele molda um corpo para si e quer que a outra se adapte àquele corpo.

O arte-educador pode pegar esse programa e desconstruir. A gente vai trabalhar invertendo, vai fazer tudo para que ela convença-se que ser gorda não paga imposto, não é defeito, nem pecado. É uma obra da natureza, dos hormônios, das coisas que estão no corpo da gente. Diferente de uma posição patológica. É o discurso de quem escreveu o roteiro, que está querendo neurotizar as pessoas.

O arte-educador tem que, primeiro, fazer com que aquele com quem ele está dialogando — repare que eu não chamo de educando — consiga libertar o corpo de preconceitos, tirar do corpo o pecado de ter o corpo, enxergar o corpo como elemento sagrado.

Aí, você vai entrar numa discussão profunda sobre sexualidade, prazer, sobre o que é ter responsabilidade sobre seu corpo. E a responsabilidade maior é que esse corpo será devolvido à natureza. Quando isto acontecer devolva ele alegre! Não faça nada que você possa se contrariar.

7. Que perspectivas você vê para a Arte-Educação no mundo de hoje, no sentido de possibilitar outras percepções do mundo, talvez numa visão mais lúdica e prazerosa da realidade? Como o Arte-Educador pode desenvolver isto?

O arte-educador, para mim, é uma especialidade. Não é a pessoa que faz arte que é arte-educador. É um educador e tem de conhecer psicologia, natureza humana, técnicas etc. Vai lidar com uma pessoa que ele está formando do ponto de vista da sensibilidade e não do racional. Se não tiver técnicas, conhecimento e responsabilidade, ele pode atingir uma pessoa gravemente, pode traumatizá-la. A imposição

por conta da arte, por exemplo, é uma coisa muito perigosa.

O eixo da questão da educação é o arte-educador; os outros vão entrando, suportando essas teses.

Qual é a relação que você pode fazer entre matemática e eu trabalhando com a questão da gordura? Quem registra que você está gordo não é sua aparência visual, é a matemática, é o número. Porque você acredita que aquele número traduz o que você tem em peso. Eu pergunto: aquele número traduz felicidade? A felicidade daquele número é o seguinte: se você mediu hoje 32, fez um esforço, se auto-violentou, não comeu algumas coisas e, no outro dia, você tem 30, você fica feliz. Você perdeu mais do que dois. Perdeu, às vezes, a identidade, o prazer, ali não é medida de saúde!

Então, o arte-educador vai trabalhar essas teses, que são as mais profundas, que abordam a sensibilidade, a psicologia, a filosofia, a sociologia, para que os outros possam elaborar essa discussão.

Há uma coisa que me fascina: a arte, à medida que você vai tendo a chamada *loucura*, ela vai-se manifestando. Observe o trabalho de Bispo do Rosário. Se você não souber que ele é um louco, você dá um Prêmio Nobel para ele. À medida que você vai ficando certinho e lúcido, racional e quadrado, você vai perdendo o elemento criativo, passa a ser o elemento neurótico, da repetição, o robô.

Na arte-educação, não pode existir o normal nem o defeituoso, o que existe é a expressão.

Por exemplo, essas crianças que as pessoas chamam de deficientes, são crianças, não são deficientes. A primeira classificação é: são crianças. Podem não ter habilidade para determinadas coisas, mas podem ter muito melhor do que eu em outras. O problema não é discutir a impossibilidade de realizar, é potencializar o que ela sabe fazer. Você tem esse direito, entretanto as crianças chamadas de excepcionais não têm o direito de desenvolver o que elas podem. Ela é enquadrada no cotidiano: aprender a escovar os dentes, comer, mas ela pode ser uma artista plástica e você proíbe isso dela. Como se a gente fosse só o que se faz com objetividade. Ela também tem capacidade criativa.

Eu sou pelo discurso do prazer. Isto, às vezes, as pessoas não entendem. As pessoas confundem o lúdico, como apenas uma forma de diversão. O lúdico pode salvar e pode curar. Tem um relato interessante de uma pessoa que ficou com câncer no cérebro, e se curou ouvindo a música que ela mais gostava, todo dia. E aquele cérebro que recebeu aquela mensagem, foi optando pelo lado do viver e não pelo lado da destruição.

Carnavalizar é um exercício complicado porque quando se carnavaliza se desmoraliza o problema, e o problema não gosta de ser desmoralizado.

Essa é uma postura lúdica e quem me deu foi a arte.

O arte-educador só pode mensurar se a aula dele foi boa se, no final, todo mundo estiver descompromissado com certos rigores, alegre e brincando.

Eu procuro, na arte-educação, mostrar que há uma possibilidade, pela estética, de relaxar o corpo, a alma e, não fugindo do problema, resolvê-lo.

A arte é um instrumento com o qual se pode entender a humanidade. O papel do arte-educador é estimular a autenticidade, fazer com que o outro reflita e utilize a arte como reflexão, e não apenas como modo de fazer. O que eu quero é que a pessoa, através da arte, conte uma história, debata alguma coisa, revele-se ao mundo a respeito do que ela pensa.

Nós vivemos no mundo da lógica, cartesiano, deixamos de lado a intuição. Na vida, cada situação é uma diferente. O lúdico e a criatividade preparam a pessoa para a novidade; deixam-na aberta às possibilidades.

O arte-educador faz uma educação para o aqui-e-agora e não para o futuro.